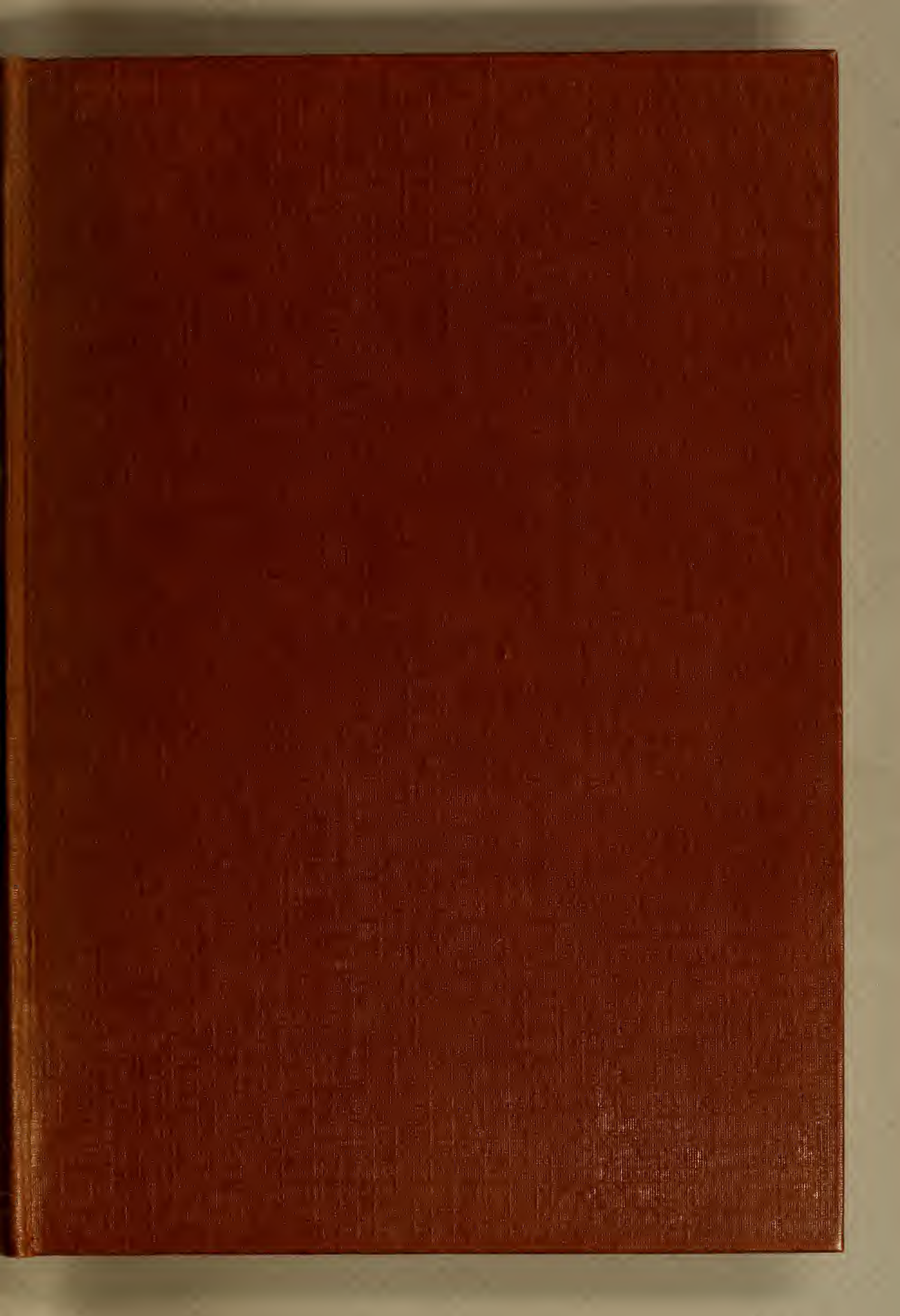




HUM GRITO SÓ.

Cui servire potissimum debeatis.

JOSUE', CAP. 24.



LISBOA.

NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES. ANNO 1828.

Com Licença da Commissaõ de Censura.

OUvi, Portuguezes, huma victima do Despotismo, a mais innocente; ouvi-a manifestar pela primeira vez, e ultima, os gemidos de seu coraçaõ, que já naõ póde conter por mais tempo, movida do affecto, que sempre tem consagrado á verdade, ella vo-la expõe com a maior singelleza, visto que já naõ duvida dos vossos sentimentos a respeito da Causa Santa, que todos devemos abraçar, e porque devemos expôr até as proprias vidas para arrostar contra huma facçaõ, que como a mais capital inimiga do Altar, tem por quasi dois Seculos posto em prática seus designios, espalhando Missionarios da irreligiaõ, perpetrando os mais horrendos desacatos, supprimido Ordens Religiosas, tyrannisando o melhor dos Pontifices, fazendo perecer na guilhotina huma innumeravel multidaõ de Ecclesiasticos do maior respeito, dignidade, e Santidade, desterrando outros, imprimindo hum Retrato de Venus, demolindo templos, extinguindo as Inquisições (a quem unicamente temia,) e lançando por terra aõ som de Musicas a Estatua mais digna de reverencia, alçando impávido em seu lugar o estandarte da impiedade; aqui foge a penna da

maõ, embotaõ de todo as idéas! Perversidade té quando nos perseguirás? Aonde intentas ainda levar tuas diabolicas vistas? Ceos onde estavaõ os vossos raios na occasiaõ desse quasi Deicidio? Se em Méca se despedaçasse ao menos a imagem da Bandeira de Mahumet, naõ bastariaõ a punir tal delicto, o Cavallete, o Boi, e semelhantes tormentos: e que se tem feito aos Authores deste horrendo crime, n'hum Reino, que abraça a Religiaõ, que conhece só unica, verdadeira, pura, e que tem recebido do Author d'essa mesma Religiaõ os maiores beneficios mais visivelmente liberalizados? Porém ainda isto naõ he o peor, a imagem da Santa Fé, ainda naõ occupa o seu antigo lugar, ainda se naõ fizeraõ Preces para perdaõ de tal attentado! Desaggravemos pois, cáros Concidadãos, a Justiça do Ser Supremo, gritemos, suppliquemos ao melhor dos Reis para que restitua á Igreja Portugueza o seu esplendor, decóro, e poder antigo, certos de que a Sua Piedade fará que elle como Defensor, e Protector nato dos direitos da nossa Igreja, ponha em execuçaõ huma das suas attribuições as mais sublimes como Soberano, calcando aos pés a hydra infernal, essa terrivel Seita, que O aborrece tanto, e a todos os Principes, como odêa a Religiaõ, o que tem manifestado conduzindo ao Cadafalço o Rei martyr, sentando hum Napoleaõ em seu Solio, devastando todo o Continente com árdua, e incessante guerra; e querendo presentemente esbulhar da Coroa deste Reino esse Principe, que adoramos, cujos direitos saõ inauferiveis; pois que nossa Lei primeira, que nenhum poder a naõ

ser igual ao que a dictou, póde abolir, clama em seu abono de tal maneira, que exclue qualquer questaõ, sem que primeiro se duvide de sua existencia: quem pensa de outra sorte naõ he Portuguez, e sendo-o he Maçon, o que nunca poderá negar: e como consequencia legitima de taes princípios, devemos confessar, que o Senhor D. MIGUEL he o Successor de Seu Augusto Pai, desde a separaçaõ do Imperio do Brasil, e por sua morte Rei deste Reino, sem dependencia de Reconhecimento, e outras formalidades; e até se se naõ respeitassem as Sábias Deliberações de Sua Magestade o Senhor D. MIGUEL I.º, se diria que de pouco nos servem as Cortes, porque isso, que ellas deveriaõ fazer he o que tem praticado todas as Camaras, e Corporações mais respeitaveis, pedindo a SUA MAGESTADE Se Sirva tomar plenamente Conta da Sua Coroa, o que he ainda mais que reconhecer; pois he hum princípio de direito natural, que quem sollicíta de outro alguma cousa tem como fundamento de sua petiçaõ que aquelle a quem pede he em quem reside o poder de despachar sua súpplica; ora, incluindo a Petiçaõ o Reconhecimento, para que saõ mais formalidades? Se o Senhor D. MIGUEL he Rei pelas nossas Leis, e toda a Naçaõ lhe supplíca, que reassuma o pleno exercicio da Soberania, que mais precisamos? Praza a Deos, que se naõ abuse das boas intenções de SUA MAGESTADE, no chamamento de Cortes, servindo-se do espaço medio para se tentarem negociações, e se abrir caminho a algum horrivel attentado.

Portuguezes Leaes, tende em vista, que

os Maçons apoiaõ a delonga, e que elles naõ dormem, antes de dia, e de noite trabalhaõ para levar ao fim seus funestos intentos: estamos no caso do Senhor D. Joaõ I., dizem elles, e por isso he essencialmente necessaria a convocaçaõ de Cortes; naõ, cáros Concidadãos, nenhuma identidade, nem paridade tem, he taõ diverso como os tempos de sua existencia; o Senhor D. Joaõ I. tinha dois Irmãos, que se diziaõ Fihos legitimos da Senhora D. Ignez Pires de Castro, além disto ElRei de Castella com o direito que se suppunha ter ameaçava a Portugal huma terrivel guerra, pizando já entaõ o nosso terreno, tendo recebido homenagens de algumas Povoações; o Senhor D. MIGUEL he o unico Filho do Senhor D. Joaõ VI., que se conserva Portuguez, como tem provado até á evidencia as mais sábias pennas; e se os Maçons nos ameaçaõ guerra, appareça esse Tribunal que em todo o tempo os fez tremer, e immediatamente os veremos cantar palinodia; a conclusaõ de taes princípios he bem obvia, e natural. Este o meu grito primeiro, e final antes do complemento dos nossos desejos, direi melhor de vermos sustentada a Real Coroa sobre a Cabeça desse Digno Principe, que he o Objecto dos nossos Cultos.

A Victima do Despotismo.

